

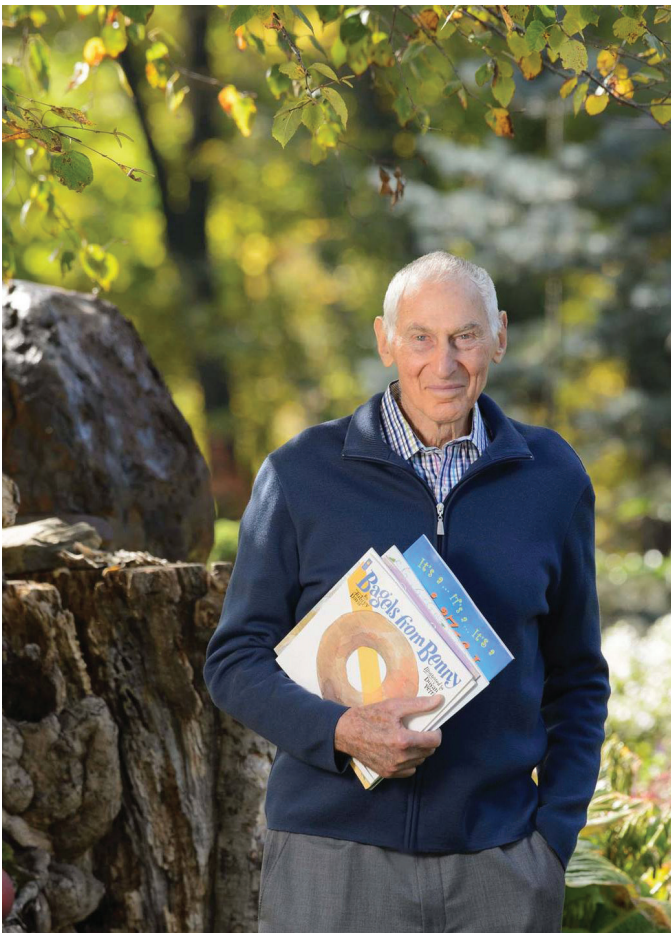
# Tablet

## O mais importante filantropo judeu de quem você nunca ouviu falar

Harold Grinspoon foi uma criança que teve dificuldades com a leitura. Hoje, é o homem que comanda o maior programa mundial de distribuição de livros judaicos, a PJ Library.

por **EMILY BENEDEK**  
tradução: **Debora Fleck**

19 de agosto de 2020



Harold Grinspoon | ROBERT CHARLES PHOTOGRAPHY

“Os judeus sempre deixaram imensas contribuições para o mundo. Porém, nos Estados Unidos, a taxa de casamentos inter-religiosos é de 50%, e apenas cerca de um terço dos filhos dessas famílias é de judeus. Portanto, em termos demográficos, trata-se de uma enorme crise. Diante de uma crise dessas proporções, decidi que queria dedicar minha energia e minha riqueza para ajudar o povo judeu.”

Essa citação é de Harold Grinspoon, 91 anos, que com sua linguagem despreziosa gravou um vídeo em 2014 para os futuros gestores da fundação que leva seu nome. Grinspoon, que talvez seja o mais importante filantropo judeu de quem você nunca ouviu falar, é um empresário bem-sucedido, que fracassou em muitos empreendimentos no início da vida profissional, um judeu que não frequenta com regularidade a sinagoga e que, apesar de sofrer de dislexia, comanda o maior programa mundial dedicado à distribuição de livros judaicos.

“Eu sempre me divirto quando penso nisso”, declarou ele à *Tablet*, por e-mail. “Fui uma criança que teve muita dificuldade para ler e escrever, mas sempre adorei histórias. Quando descobri o poder das histórias e das conversas para passar adiante a riqueza da vida judaica, e quando me dei conta de que havia no mercado belíssimos livros infantis judaicos, tive uma ideia que achei que valia a pena concretizar. Quem é empreendedor acaba encontrando os meios de atingir seus objetivos.”

A PJ Library, iniciativa assinada por Grinspoon, cuja fundação está sediada na cidade de Agawam, em Massachusetts, envia todos os meses mais de 650.000 livros infantis, em sete línguas diferentes, para famílias de 27 países que criam seus filhos e filhas dentro do judaísmo – da Venezuela à Ucrânia, da Austrália à África do Sul. Em muitas dessas famílias,

só o pai ou a mãe tem origem judaica. Algumas delas vivem em cidades onde não existem outros judeus. Enquanto algumas famílias têm envolvimento profundo com a vida judaica, muitas outras relatam que a PJ Library é seu único contato com o judaísmo.

Eric Robbins, CEO da Federação Judaica de Atlanta, comentou: "A PJ Library é uma das ideias judaicas mais inovadoras e criativas que eu já vi. Funciona assim: todo mês, chega no meu endereço – no nome do meu filho ou da minha filha – um presente da comunidade judaica, um livro para nossa biblioteca familiar. Ninguém me pede dinheiro em troca. É um projeto revolucionário. E também não me julgam: você é da comunidade? Ótimo, é o que basta!"

Na América do Norte, os livros são distribuídos para as crianças desde o nascimento até atingirem a idade de 8 anos. Aos 9, elas podem escolher a partir de uma seleção de títulos, entre quadrinhos, ficção, biografias e não ficção, até chegarem à idade do bar ou bat mitsvá.

Em geral, os livros são publicados originalmente por editoras comerciais e nem sempre têm uma temática judaica explícita. A PJ Library acrescenta informações nas orelhas para trazer à tona temas judaicos e propor às famílias mais recursos e atividades. A PJ Library conta também com um selo próprio, que já produziu até hoje 22 títulos, com mais 10 sendo planejados para o ano que vem. Os livros oferecidos trazem uma oportunidade única: é a chance de o pai ou a mãe ler para seu filho ou sua filha e ter uma conversa profunda nos breves momentos de tranquilidade que antecedem o sono e os sonhos; é também a chance de suscitar a imaginação das crianças por meio da oralidade e incentivá-las a fazer perguntas – a quintessência do judaísmo.

Além disso, ao distribuir as mesmas histórias a todas as crianças judias, onde quer que estejam, na esperança de estabelecer laços comuns, o programa reforça o que há de mais importante para Grinspoon: "Nós podemos ter diferentes perspectivas e pontos de vista e cada um se envolve com o judaísmo à sua

maneira, mas não podemos esquecer que somos um só povo."

---

Harold Grinspoon nasceu em 1929, em Auburndale, um vilarejo da cidade de Newton, Massachusetts. Onde quer que fosse, sempre recebia lições sobre antissemitismo: com os colegas de escola, que faziam *bullying* com ele, chamando-o no recreio de "assassino de Cristo" e "judeuzinho"; com o chefe dos escoteiros que tinha na porta uma placa dizendo "Proibido para cachorros e judeus". Sua nora, Winnie Sandler Grinspoon, conta: "Ele não vinha de uma família religiosa, mas sabia que sua vida seria mais fácil se não fosse judeu – independente do que isso significasse."

O fato de ser judeu não era seu único problema. "Eu fui uma criança disfuncional", lembrou no vídeo, com seu lacônico sotaque de Boston. "Coitada da minha mãe. Até hoje não sei escrever direito, nunca soube. Então ela me levava para aulas de ortografia, de dicção e de correção postural. Continuo sem saber escrever direito. E ainda tive problemas psicológicos." Harold foi o único aluno judeu da Newton High School a seguir o caminho do ensino técnico.

"Tudo começou porque eu nasci canhoto", explicou ele. "E naquela época, sabe-se lá por quê, um garoto judeu não podia ser canhoto. Então minha mãe fez de tudo para que eu virasse destro." Isso desencadeou muita frustração, raiva, problemas de aprendizado e questões psicológicas. Hoje em dia, os pediatras desaconselham esse tipo de intervenção nas crianças; as pesquisas também já mostraram que isso pode acarretar problemas de comportamento e alterações cerebrais permanentes. O complexo de inferioridade se exacerbou ainda mais pelo fato de que seu irmão mais velho, Lester – que morreu no mês passado, aos 92 anos – era um "gênio", que se tornou psiquiatra depois de cursar medicina em Harvard.

Harold acreditava que a única forma de se destacar seria ganhando dinheiro, talento que se manifestou quando ainda era criança e dava um jeito de vender legumes e ovos para o pai e a tia. Na época em que

estudava no Marlboro College, comprou uma máquina de lavar Maytag e pôs um buraco nela para moedas de 25 centavos: "Eu não pagava pela água quente e não pagava pela eletricidade. Só recebia as moedas. Foi assim que comecei a empreender."

"Como cresci sem ter dinheiro, sempre respeitei a prosperidade financeira", disse ele. Seu pai morreu aos 51 anos, deixando quatro filhos, entre eles Harold, na época com 19 anos. Depois de diversas tentativas, algumas exitosas e outras não, aos 30 anos ele comprou um prédio de apartamentos, ajeitou tudo e pôs as unidades para alugar. Depois, comprou mais um, e a empresa criada por ele, Aspen Square, é hoje uma das 50 maiores empresas privadas de gestão imobiliária dos Estados Unidos. Basicamente, o que a empresa faz é comprar complexos de apartamentos degradados e reconstruí-los, transformando-os em propriedades atraentes e prósperas. É como ele diz: "Trata-se de 'comprar' a má-gestão de terceiros e reposicioná-la."

Depois de lutar contra um câncer na língua 25 anos atrás, Grinspoon começou a pensar em seu legado: "Eu não podia morrer simplesmente como o cara que ganhou dinheiro. Achava isso muito aviltante." Fez planos de deixar sua fortuna, estimada em US\$500 milhões, para que outros gerenciassem da forma como achassem melhor, mas sua terceira esposa, Diane Troderman, o amigo e rabino Yitz Greenberg e o parceiro de negócios Jeremy Pava o estimularam a estabelecer as bases para sua fundação e seus objetivos. Segundo ele, "as pessoas abastadas precisam encontrar um destino para sua riqueza: algo que lhes dê prazer e que considerem significativo."

Então ele se pôs a trabalhar, usando sua condição de *outsider* para fazer perguntas, aproveitando a criatividade de um canhoto nato para pensar fora da caixa, ao mesmo tempo motivado pelo senso infantil de deslumbramento que mantém até hoje. Tudo isso sem esquecer o que sempre foi uma de suas forças: nunca ter medo de abandonar o que não estava dando certo.

De uma coisa ele tinha certeza: queria fazer uma retribuição ao povo judeu.

---

"Um traço impressionante sobre o Harold é a crença dele e de sua fundação de que existe um só povo judeu", declarou o rabino Ethan Tucker, presidente e *rosh iveshiva* no Instituto Hadar. "Eles acreditam que, de forma geral, todo mundo precisa encontrar uma forma de se conectar e trabalhar junto em prol de um futuro compartilhado. Basta ver a PJ Library: a ideia básica é que todos os lares com crianças judias compartilhem do mesmo cânone. Não se trata apenas de uma ambição para ganhar escala em um projeto; é uma declaração de princípios."

A ideia dos livros surgiu em meados dos anos 2000, quando ele participou de um Seder na casa de seu filho mais velho e de sua nora, Winnie. Quando Winnie distribuiu como presentes para quem encontrava o *afikoman* livros comprados numa livraria especializada em livros judaicos, Harold ficou impressionado com o entusiasmo dos netos. Winnie lembra que comprou para o filho um livro sobre o primeiro astronauta israelense, Ilan Ramon, e que a filha ganhou um livro sobre uma menina que tinha imigrado para os Estados Unidos.

Harold fez à nora todo tipo de pergunta: "Eles gostam de ganhar livro? Existem outros livros judaicos? Onde você os compra?" Uma semana depois, pediu a ela que comprasse US\$500 em títulos similares. "Levei tudo para a casa deles, e ele e Diane leram um por um", contou Winnie.

Por volta da mesma época, Harold ficou sabendo da iniciativa de Dolly Parton [cantora country americana], a Biblioteca da Imaginação, e se tornou um patrocinador local. Em 2005, ele criou a PJ Library, usando o modelo de parcerias de Parton. Hoje, a PJ Library conta nos Estados Unidos com 200 parceiros locais que ajudam o programa a alcançar as famílias, custear os livros e oferecer atividades para famílias. "Gostamos muito de dizer que custa muito para ser assim de graça", comentou Winnie, que é presidente da Fundação Harold Grinspoon (HGF) e membro do conselho.

A PJ Library também tem um braço israelense, chamado *Sifriyat Pijama*, lançado em 2009, que opera em conjunto com o Ministério da Educação de Israel. Numa parceria com o Ministério e com a Fundação Price Philanthropies, de San Diego, a HGF conta, ainda, com uma versão para crianças árabe-israelenses, chamada *Maktabat al Fanoos (Biblioteca do Lâmpião)*, o maior programa mundial de doação de livros em árabe. Em Israel e alguns outros países, os livros são distribuídos nas escolas e depois são levados para casa.

No ano passado, a HGF distribuiu livros em hebraico para 400.000 crianças israelenses e para 190.000 em árabe. Até o momento, esses programas já entregaram 23 milhões de livros para mais de 1,25 milhão de crianças. Assim como o mesmo trecho da Torá é lido a cada semana nas sinagogas ao redor do mundo, todas as crianças judias da mesma faixa etária e que estudam em escolas públicas israelenses recebem os mesmos livros. Embora o programa seja muito bem-sucedido, nada em Israel é fácil – ao escolher os livros, a equipe local precisa levar em conta, por exemplo, se as roupas das ilustrações condizem com uma família religiosa; ou se uma família secular pode ficar desanimada com uma temática religiosa.

Galina Vromen, chefe de operações da HGF em Israel, explicou: “Levamos cinco anos para encontrar uma história sobre o Shabat que ao mesmo tempo transmitisse a essência da ocasião e fosse adequado para o amplo espectro de famílias que atendemos. O tema mais comum nos livros sobre o Shabat era: ‘deixe a mamãe e o papai descansarem’, que não era a mensagem que queríamos passar. Quanto ao restante dos livros que havia no mercado, a maioria era controversa para um ou outro segmento da população. Por fim, acabamos encontrando um conto que transformamos num livro separado: *O tempero que faltava*, que é sobre a natureza especial do Shabat e abre caminho para que as famílias conversem sobre o que torna o Shabat especial para elas.”

A *Sifriyat Pijama* também está envolvida num projeto que pretende reeditar livros infantis clássicos, escritos

pelos fundadores e fundadoras do Estado de Israel. “Uma das coisas mais fascinantes sobre a literatura infantil israelense”, disse Vromen, é que “todos os grandes escritores escreviam também para crianças. Foi parte do processo de revitalização do hebraico. Walt Whitman nunca escreveu para crianças, mas Leah Goldberg escreveu, assim como David Grossman, Etgar Keret e Meir Shalev. Enxergamos essas histórias como parte da base literária de Israel. Estamos falando de um legado cultural judaico-israelense”. A missão da HGF de criar um solo comum alcança também as crianças árabes que vivem em Israel: há 20 livros em comum entre o programa árabe e o israelense.

Nos Estados Unidos, a PJ Library amplia seu alcance por meio de organizações parceiras, como centros comunitários e federações judaicas, que a cada ano patrocinam mais de 3.000 eventos da PJ Library na América do Norte, ajudando as famílias a se envolverem com a vida judaica. Agora a PJ Library contempla também vários títulos de autores israelenses, de modo que as crianças americanas também possam ler essas histórias.

---

“Os livros são nossa razão de ser”, disse Winnie, mas Harold também tem outras paixões, como os acampamentos judaicos e a arte desenvolvida para espaços públicos. A iniciativa JCamp180 fornece consultoria a um seleto grupo de acampamentos judaicos sem fins lucrativos, com o intuito de fortalecê-los em termos organizacionais e financeiros. Cerca de 60.000 crianças e jovens frequentam esses acampamentos no verão. (A HGF recentemente injetou US\$ 10 milhões como ajuda emergencial para ajudar os acampamentos membros do JCamp180 afetados pela COVID-19.)

Grinspoon também se dedica a ajudar instituições judaicas a aprimorar sua saúde financeira. Ele ficou angustiado ao perceber que a comunidade judaica americana estava perdendo a chance de se beneficiar da maior transferência de riqueza da história, uma fortuna que Paul Schervish, diretor do Centro de Prosperidade e Filantropia do Boston College, estima

ser de pelo menos US\$41 trilhões. É algo que os *baby boomers* transmitirão a seus herdeiros e beneficiários até 2052. Num congresso, muitos anos atrás, Harold soube de um programa interessante para incentivar as pessoas a fazer doações para as organizações judaicas de sua preferência.

“A ideia de uma campanha de doação de herança”, explicou Grinspoon à *Tablet*, “veio de duas mulheres incríveis, Gail Litman [z”l] e Marjory Kaplan, que desenvolveram uma estratégia para treinar e incentivar organizações a priorizarem esse tipo de conversa na comunidade judaica de San Diego”. Grinspoon conta que levou um tempo para entender a força do plano, mas assim que entendeu, estava 100% dentro. “Se ajudarmos as organizações a enxergar o mérito de priorizar os *endowments*, e se adotarmos uma abordagem cuidadosa e alguns incentivos financeiros para estimular as organizações a pedirem a seus apoiadores para fazer doações de heranças de modo a construir *endowments*, podemos ajudar a garantir um futuro mais forte”, explicou ele. “E muitas pessoas a quem pedimos esse tipo de doação não apenas dizem sim, como também fazem doações ainda em vida. Por quê? Porque lhes pediram! As pessoas ficam felizes quando encontram um lugar para destinar sua riqueza. Isso inclui tanto doações em vida quanto doações póstumas. Todos gostamos de saber que nosso legado terá vida longa mesmo depois de já termos partido.”

Grinspoon levou Litman para trabalhar na HGF, e em 2010, com o modelo dela, lançou uma nova iniciativa nos Estados Unidos: a LIFE & LEGACY. Grinspoon só se arrepende de não ter feito isso antes. Acredita que se tivesse criado o programa vinte ou trinta anos atrás, “as escolas judaicas estariam numa condição completamente diferente, porque teriam prosperidade financeira”. Há muito tempo que os judeus doam parte de sua herança para hospitais, universidades e instituições de caridade, em parte porque sempre foram muito solicitados. Mas as instituições judaicas não costumavam se organizar para isso. Agora, a LIFE & LEGACY, de Grinspoon, oferece treinamento, apoio e incentivos financeiros para motivar as instituições

judaicas a garantir “compromissos póstumos”. A LIFE & LEGACY conta com 63 comunidades parceiras que trabalham no total com 700 organizações. Em 10 anos, já garantiram US\$1 bilhão em compromissos de doação de herança, sobretudo por meio de doações de pequeno e médio porte. Se as pessoas deixam parte de sua herança para a universidade que frequentaram, por que não fariam o mesmo para os acampamentos judaicos que fizeram parte de sua história?

Ainda cheio de energia – um homem alto e magro, que nada, faz longas caminhadas e pratica rafting –, Grinspoon começou a se dedicar à escultura seis anos atrás. Ele frequenta bosques à procura de troncos de árvores mortas e sem folhas, depois os corta e retoca, ou pinta os galhos, reconstituindo as grandes estruturas a seu próprio modo. Então devolve a escultura à natureza, para uma segunda vida. Poderíamos dizer que o talento de suas iniciativas – os complexos renovados de apartamentos, a criação de uma biblioteca comum para famílias judias, o desenvolvimento de mecanismos permanentes de financiamento para instituições, as árvores ressuscitadas – está em curar o que um dia foi um problema, tanto nele próprio, quanto em seu povo.

No vídeo já mencionado, ao refletir sobre sua longa caminhada, Grinspoon abre seu sorriso de menino e diz, com os olhos brilhando: “Eu *adoro* me dedicar à filantropia.”

Emily Benedek escreve para *Rolling Stone*, *The New York Times*, *Newsweek*, *The Washington Post* e *Mosaic*, entre outras publicações. Ela também é autora de cinco livros.

*Este artigo foi publicado originalmente na Tablet Magazine, [tabletmag.org](http://tabletmag.org), que autorizou esta reimpressão.*